



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**IZABELA CRISTINA DE LIMA SILVA**

**“NAS RAIAS DO DELÍRIO”: UM OLHAR SOBRE A LOUCURA FEMININA  
NEGRA EM *DUZU-QUERENÇA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

**CAMPINA GRANDE  
2022**

IZABELA CRISTINA DE LIMA SILVA

**“NAS RAIAS DO DELÍRIO”: UM OLHAR SOBRE A LOUCURA FEMININA  
NEGRA EM *DUZU-QUERENÇA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao curso de Graduação em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras – Língua Portuguesa.

**Área de concentração:** Literatura.

**Orientador:** Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino.

**CAMPINA GRANDE  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586n Silva, Izabela Cristina de Lima.  
"Nas raias do delírio" [manuscrito] : um olhar sobre a loucura feminina negra em *Duzu-Querença*, de Conceição Evaristo / Izabela Cristina de Lima Silva. - 2022.  
20 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.  
"Orientação : Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino, Coordenação do Curso de Letras - CEDUC."  
1. Mulheres negras. 2. Questões raciais. 3. Questões de gênero. 4. Loucura. I. Título  
  
21. ed. CDD 362.2

IZABELA CRISTINA DE LIMA SILVA

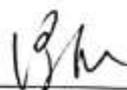
**“NAS RAIAS DO DELÍRIO”: UM OLHAR SOBRE A LOUCURA FEMININA  
NEGRA EM *DUZU-QUERENÇA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Graduação em Letras da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
graduada em Letras – Língua Portuguesa.

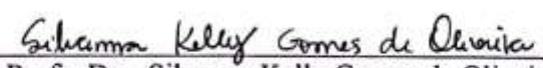
**Área de concentração:** Literatura.

Aprovada em: 29/11/2022.

**BANCA EXAMINADORA**

 10,0  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

 10,0  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Edson Tavares Costa  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Silvana Kelly Gomes de Oliveira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Aos calos nas mãos de meu pai.*

“Loucas, tolas, são as que jamais gritam.”

(Maria Valéria Rezende)

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	07
2	“UMA PRETA LOUCA”: REPRESENTAÇÕES DELIRANTES NA LITERATURA .....	09
3	“QUERIA CAMINHAR PARA O AMANHÃ”: UMA LEITURA DE DUZU-QUERENÇA .....	12
3.1	“Nas raias do delírio que ela agarrou forças para viver”: a loucura em Duzu-Querença .....	15
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	17
	REFERÊNCIAS .....	18

## “NAS RAIAS DO DELÍRIO”: UM OLHAR SOBRE A LOUCURA FEMININA NEGRA EM *DUZU-QUERENÇA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Izabela Cristina de Lima Silva\*

### RESUMO

No circuito literário brasileiro a representação da loucura feminina negra comumente se volta para o viés da patologização das formas de ser, devido aos fatores históricos e sociais atrelados a essa temática. Com a tomada de posse da escrita feminina e dos debates feministas, vemos um resgate representativo dessas vozes subalternizadas na literatura. Em virtude dessas considerações, o presente trabalho configura-se como uma pesquisa bibliográfica, que busca analisar o conto “Duzu-Querença”, da escritora brasileira contemporânea Conceição Evaristo, levando em consideração a loucura feminina negra como aspecto literário. Para tanto, nos valem das contribuições de Remo Bodei (2003), em “As lógicas do delírio” e Michel Foucault (2008), em “História da loucura na Idade Clássica”, para refletir acerca da própria categorização da loucura; no que compete às reflexões e apontamentos sobre o feminino e o recorte racial executado nessa análise, nos valem da obra “Mulheres, raça e classe” da estudiosa estadunidense Angela Davis (2016); no que se refere às relações estabelecidas entre a literatura e os estudos sociais, utilizamos como aporte teórico o crítico literário Antônio Candido (2016) e, por fim, no que tange à análise e teoria literária, nos valem das discussões de Arnaldo Franco Júnior (2009) no capítulo “Operadores de leitura da narrativa”. Sendo assim, buscamos por meio deste trabalho investigar as formas que as temáticas do imaginário são abordadas na escrita de “Duzu-Querença”, evidenciando a relevância das questões raciais e de gênero na narração da protagonista e destacando a importância da voz dessa personagem feminina, marcada por perdas durante a vida e que encontra nos delírios uma nova força para viver.

**Palavras-chave:** Delírio. Mulheres negras. Conceição Evaristo.

### ABSTRACT

In the Brazilian literary circuit, the representation of black female madness commonly turns to the bias of pathologizing ways of being, due to historical and social factors linked to this theme. With the takeover of female writing and feminist debates, we see a representative rescue of these subaltern voices in literature. Due to these considerations, the present work is configured as a bibliographical research, which seeks to analyze the short story “Duzu-Querença”, by the contemporary Brazilian writer Conceição Evaristo, taking into account the black female madness as a literary aspect. To do so, we make use of the contributions of Remo Bodei (2003), in “The logic of delirium” and Michel Foucault (2008), in “History of madness in the Classical Age”, to reflect on the categorization of madness itself; with regard to the reflections and notes on the feminine and the racial aspect carried out in this analysis, we used the work “Women, race and class” by the American scholar Angela Davis (2016); with regard to the relationships established between literature and social studies, we used the literary critic Antônio Candido (2006) as a theoretical contribution and, finally, with regard to analysis and literary theory, we used the discussions of Arnaldo Franco Júnior (2009) in the chapter “Narrative reading operators”. Therefore, through this work, we sought to investigate the ways in which the themes

---

\* Graduada do curso de Licenciatura Plena em Letras-Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: izabela.lima@aluno.uepb.edu.br.

of the imaginary are addressed in the writing of “Duzu-Querença”, highlighting the relevance of racial and gender issues in the narration of the protagonist and highlighting the importance of the voice of this female character, marked by losses during life and who finds in delusions a new strength to live.

**Keywords:** Delirium. Black women. Conceição Evaristo.

## 1 INTRODUÇÃO

Investigar as formas que as temáticas do imaginário são abordadas na escrita de Conceição Evaristo, falando especificamente do conto *Duzu-Querença*, presente no livro *Olhos d'água*, corresponde também a um apelo pessoal de compreensão dos caminhos e do contexto social dos “loucos de rua”, além da apreensão de um novo olhar para aqueles que estão espalhados pelas calçadas, enquanto indivíduos múltiplos que carregam histórias e singularidades, assim como Duzu, tendo em vista que a leitura de textos literários tem o poder de proporcionar uma nova visão sobre o cotidiano. Pois a literatura é uma forma de expressão que ultrapassa o deleite estético, podendo discutir ideologias, levar os leitores à reflexão acerca dos aspectos sociais que os rodeiam e suas formas de existência no mundo. Ademais, é necessário frisar o caráter humanizador da arte literária, visto que ela é capaz de influenciar os leitores na obtenção de consciência do espaço que os rodeia e de si próprios (CÂNDIDO, 2016).

Nesse sentido, pode-se dizer que *Olhos d'água* é uma coletânea de contos que carrega um leque de cotidiano-narrativas <sup>1</sup>de um povo, o povo negro, como destaca Gomes (2005) no prefácio do livro em questão: “Sem quaisquer idealizações, são aqui recriadas com firmeza e talento as duras condições enfrentadas pela comunidade afro-brasileira. A abrangência de tal problemática ultrapassa, decerto, o mundo negro, assim como transcende o dia de hoje.” (EVARISTO, 2005, p. 10). Os contos, de leitura rápida, reverberam por toda a vida, pois Evaristo escancara nas suas linhas uma realidade cruel, sem abandonar o caráter poético de sua escrita. Nesse sentido, torna-se relevante citar o conceito de “escrevivência”, cunhado pela autora, em que “toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida” (EVARISTO, 2005, p. 202) e, ainda,

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de missão sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também (EVARISTO, 2020, p. 30).

Sendo assim, pode-se afirmar que escrever é uma maneira de transgredir com o discurso dominante empregado pelo poder hegemônico, isto é, o ato da escrita é utilizado, também, como lugar de conquista de espaços outrora renegados e de rompimento da perpetuação de estereótipos na literatura. Nesse sentido, Sant’anna e Rocha (2020) declaram no artigo “A crítica feminista no cenário literário contemporâneo” que “as figuras masculinas (do intelectual, do crítico e do escritor) definiram o lugar do sujeito que fala em nome da cultura e da cidadania a partir de uma lógica de cunho universalista, que ignorou outras vozes não hegemônicas, como a das mulheres” (SANT’ANNA e ROCHA, 2020, p. 65).

No que se refere à análise de *Duzu-Querença* e dos caminhos trilhados pela literatura brasileira em relação ao aprofundamento de personagens femininas negras, este trabalho se interessa por identificar as sutilezas da personagem Duzu, particularmente em relação com as

---

<sup>1</sup> “Narrativas do cotidiano” escritas com o uso do hífen, aqui, faz referência direta a esse uso característico das obras de Conceição Evaristo, inclusive presente no título do conto *corpus* deste artigo.

outras personagens do conto, em especial com sua neta Querença— com quem divide o título do conto, quase que como uma só—. Dessa forma, serão analisadas as relações de razão e loucura, levando em consideração o viés feminino-negro presente na obra e sua relevância literária e social.

Na leitura de *Duzu-Querença* encontram-se diferentes temáticas atreladas e causadoras dos delírios do fim da vida da personagem principal, a exemplo do abuso infantil, prostituição, afastamento involuntário da família, fome e morte. Evaristo tece na escrita desse conto a voz de uma mulher violentada de diversas maneiras desde a infância e que, por essa razão, escolhe viver o “mundo dos sonhos”, a vivenciar sua cruel realidade. Tendo isso em vista, traçamos como objetivo geral da presente pesquisa investigar as formas que as temáticas do imaginário são abordadas na escrita de “Duzu-Querença”, da escritora brasileira contemporânea Conceição Evaristo. Se tratando dos objetivos específicos, buscamos: 1) investigar a relevância das questões raciais e de gênero na narração das personagens Duzu e Querença; 2) identificar as nuances da personagem Duzu durante a narrativa e a relação com os outros personagens do conto no contexto em que estão inseridos; 3) analisar as relações de afetos e delírios da personagem principal, Duzu, considerando a *loucura feminina* como aspecto literário.

Preende-se alcançar tais propósitos a partir da análise das personagens e da composição da obra, relacionando-a com o conceito de “delírio” e como ele se comporta na narrativa de Evaristo. Para isso, serão utilizadas as fundamentações de Remo Bodei (2003) como pressupostos teóricos, considerando que em sua obra *As lógicas do delírio* não há uma rigidez técnica acerca do tema, pois procura estabelecer uma relação conciliadora entre os termos razão e loucura, dando espaço para a reflexão tão necessária nos estudos literários e sociais. Ainda por esse viés, propõe-se refletir sobre o conceito de “desrazão” à luz do texto intitulado *A história da loucura na idade clássica*, do filósofo Michel Foucault (2008) e as suas contribuições no que compete a este estudo.

Considerando ainda os fatores sociais abordados nesta pesquisa, é imprescindível recorrer às considerações de Antônio Cândido (2006) sobre as relações estabelecidas entre *Literatura e Sociedade*, já que o elemento social é invocado para explicar a estrutura da obra, provendo subsídios para definir o efeito pretendido sobre quem lê. Ainda objetivando fundamentar as colocações acerca do lugar social da mulher e de sua negritude, serão utilizadas as contribuições da autora Angela Davis (2016) em sua obra *Mulheres, raça e classe*, na qual é apresentado o conceito do “legado da escravidão”, muito relevante acerca das particularidades sociais existentes entre mulheres negras e brancas e sobre os parâmetros de uma nova condição de ser mulher.

No que compete à análise e teoria literária, foram utilizadas as contribuições de Arnaldo Franco Júnior (2009) no capítulo 2 do livro “Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas”, organizado por Bonnici e Zolin, em que são levantadas reflexões acerca dos *operadores de leitura da narrativa*, nos interessando, principalmente, a análise classificatória de personagens e as questões do tempo enquanto recurso de subjetivização na narrativa, tendo em vista que o enfoque de profundidade das personagens é um questão chave de discussão neste artigo.

A partir desses embasamentos teóricos, em nosso primeiro tópico buscou-se refletir inicialmente sobre a construção do estereótipo da “preta louca” para além das representações literárias, levando em conta o contexto social, para que posteriormente pudéssemos analisar como tais construções reverberaram na literatura e, assim, problematizar as representações literárias delirantes, executando um recorte no que tange às mulheres negras e suas especificidades. A partir disso, pudemos pensar acerca dos caminhos representativos que são trilhados a partir da escritura das mulheres sobre suas próprias vivências enquanto local de resistência.

No segundo tópico executamos uma análise literária do conto supracitado de Conceição Evaristo, primeiramente refletindo acerca da história de vida da personagem, da infância à velhice, das suas dores acumuladas durante a vida e seus reflexos no que tange às temáticas do imaginário. Posteriormente, observamos como a personagem Duzu se constitui enquanto mulher de resistência e sabedoria, mesmo estando entregue às “raias do delírio” e, por fim, refletimos acerca de sua relação com sua neta Querença enquanto retorno à ancestralidade.

Em suma, esperamos ao final deste artigo ter investigado as problemáticas centrais desta pesquisa que se enunciam da seguinte maneira: Como ocorrem as representações da loucura feminina negra em *Duzu-Querença*? De que maneira as noções de razão, solidão e afeto norteiam a personagem Duzu no conto?

## 2 “UMA PRETA LOUCA”: REPRESENTAÇÕES DELIRANTES NA LITERATURA

Quando refletimos sobre o delírio, é comum nos inclinar para o viés da patologização dos modos de ser, por essa razão se faz necessário levar em consideração a estrutura social em que estamos inseridos, pois muitos dos pensamentos e opiniões que julgamos ser nossos, na verdade são frutos da configuração social em que vivemos (ALMEIDA, 2019), ou seja, não há nada de intrínseco nesse pensamento limitante. Isso explica por que esse conceito de loucura pautado na desumanização dos corpos e mentes, que fugiam dos cercos restritivos da razão e se arriscaram nos perigosos campos do delírio (BODEI, 2003), foram construídos historicamente.

Um dos grandes responsáveis por esse imaginário social que se tem hoje da loucura é o modelo científico de Philippe Pinel (FOUCAULT, 2008), que prescrevia a loucura como doença mental com a intenção de tratá-la por meio do internamento, tendo ficado conhecido como “alienismo”. Tal modelo foi fortemente criticado por nomes como Foucault, por considerar que esse sistema não levava em conta a realidade dos loucos e não os tratavam de forma humanitária, além de muitas vezes condená-los a uma prisão definitiva na instituição:

De forma alguma no sentido de uma libertação da loucura; de modo algum se pode dizer que ela permitiu atribuir aos alienados uma atenção mais filantrópica ou mais médica. Pelo contrário, mais solidamente do que nunca ela uniu a loucura ao internamento, e num duplo elo; um fazia dela o próprio símbolo do poder que encerra e seu representante irrisório e obsedante no interior do mundo do internamento; o outro, que a designava como o objeto por excelência de todas as medidas de internamento (FOUCAULT, 2008, p. 398).

No século XIX surge um novo olhar para as relações de loucura e, sobretudo, para os vínculos médico-paciente na psiquiatria, quebrando a soberania dos asilos e do modelo de Pinel. Esse novo movimento foi encabeçado por Freud ao libertar os “loucos” da prisão asilar e levar em conta suas especificidades, sendo seus métodos acatados positivamente por Foucault em sua obra “História da Loucura”: “aboluiu o silêncio e o olhar, apagou o reconhecimento da loucura por ela mesma no espelho de seu próprio espetáculo, fez com que se calassem as instâncias da alienação” (FOUCAULT, 2008, p. 502). Nessa obra Foucault resgata o termo “desrazão”, levando em consideração as diferentes faces da loucura e a humanização dos loucos excluídos.

Apesar dos esforços de Foucault, é sabido que “o delírio [...] apresenta-se, tradicionalmente, como sinônimo de irracionalidade (absurdidade, falta de fundamento, erro, caos)” (BODEI, 2003, p. 15), entretanto podemos refletir acerca da loucura fora dessa imagem fechada que nos foi apresentada de racionalidade, inclusive buscando a conciliação nas relações aparentemente dicotômicas entre razão e delírio, visto que nem sempre o mundo dos sonhos é completamente vazio de sentidos.

No que concerne à literatura, não é incomum encontrar em textos literários a presença de personagens que foram acometidas pela loucura, seja ela de nascença ou após algum trauma que deixa como sequela os chamados delírios. Considerando que as representações literárias tratam de um reflexo social, como afirma Antônio Cândido (2016) em *Literatura e sociedade*: “literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre” (p. 28), comumente tais personagens são representados de maneira estereotipada e sem grandes aprofundamentos, como se sua única característica fosse a loucura, sendo retirados assim da categoria de sujeitos pensantes e plurais.

Quando se trata de personagens mulheres, isso tende a se acentuar, pois “observamos, ao longo dos séculos, a pilhagem, a redução do espaço e o esmagamento da natureza instintiva feminina” (ESTÉS, 2018, p. 15), ou seja, tudo o que é considerado pertencente ao “feminino”<sup>2</sup> é inferiorizado. Isso se deve à construção histórica pautada pelo patriarcado nas suas diversas formas de opressão e apagamento das mulheres, seja com a negação de direitos civis, jurídicos ou econômicos, como afirmam as ativistas Mott e Stanton na “Declaração de Sentimentos”:

A história da humanidade é uma história de repetidos insultos e usurpações por parte do homem com a mulher, com o objetivo de oprimi-la. Para provar isso, vamos apresentar os fatos a um mundo inocente. Ele nunca permitiu que ela exercesse seu direito como eleitora. Ele a obrigou a submeter-se às leis cuja estrutura não lhe dava voz. Ele reteve os seus direitos (dela), como o fazem os homens mais ignorantes e degradantes, tanto nativos quanto estrangeiros. Tendo-a privado desse primeiro direito como cidadã, o voto eleitoral, deixa-a, assim, sem representação no poder legislativo, dominando-a por todos os lados [...] (BRAGA, 2013, p. 54).

É sabido que, quando se refere à existência das mulheres negras, isso é intensificado, pois além da opressão patriarcal, soma-se também o racismo estrutural<sup>3</sup>, tendo em vista que historicamente as mulheres negras são duplamente desumanizadas, caracterizando o que Angela Davis (2016) denomina de “o legado da escravidão” (p. 15). Sendo assim, quando tais mulheres fogem dos padrões racionais estabelecidos socialmente são chamadas de “loucas”, “desvairadas”, “desequilibradas”. Acerca da gama de opressões que perpassa a existência das mulheres negras, pensemos no conceito de interseccionalidade de acordo com de Chenshaw (2002):

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CHENSHAW, 2002, p. 177).

Isso pode ser exemplificado através da primeira obra naturalista brasileira, “O mulato”, de Aluísio de Azevedo: a obra em questão é considerada uma inovação na literatura do Brasil, por se tratar de um “romance social” em que o autor expõe a realidade da época, deixando marcado o preconceito racial. Entretanto, uma personagem chama atenção, Domingas, mulher

<sup>2</sup> “Feminino” empregado aqui entre aspas, pois trata-se da visão social do termo, sendo necessária a reflexão acerca da própria categorização do que é o “feminino” e da frequente negação da feminilidade às mulheres negras. Para maior aprofundamento, indicamos a leitura de BEAUVOIR (1980) e RIBEIRO (2017).

<sup>3</sup> De acordo com Silvio Almeida “O racismo é sempre estrutural, ou seja, ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. Em suma, o que queremos explicitar é que o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida contemporânea” (ALMEIDA, 2019, p. 15).

negra e louca. Em sua primeira aparição na narrativa, a personagem é descrita de maneira extremamente desumanizada:

Raimundo, ao chegar à sacristia, estacou e estremeceu todo: o vulto esquelético e andrajoso, que lhe aparecera à noite, como um fantasma, ali estava, naquela meia escuridão, a dançar uns requebros estranhos, com os braços magros levantados sobre a cabeça. O rapaz sentiu gelar-lhe a testa um suor frio e conservou-se estático, quase duvidoso de que aquilo que tinha defronte de si fosse uma figura humana (AZEVEDO, 1978, p. 128).

O cenário sombrio corrobora fortemente um aspecto assustador à personagem, reforçando a imagem de uma mulher negra sem nenhum traço de humanidade. Além disso, deve-se levar em consideração o contexto que a obra está inserida, tendo o clero negado a existência de alma em corpos negros, a sacristia da cena reflete a presença do sagrado, enquanto Domingas representa a ausência, desassociando-se da própria raça humana. Com isso vemos que mesmo em uma obra que se propõe a ser transgressora, ainda existem problemáticas referentes à representação das mulheres negras, sobretudo as “loucas”. É por esse viés que Sueli Carneiro disserta sobre os estereótipos raciais:

Uma das características do racismo é a maneira pela qual ele aprisiona o outro em imagens fixas e estereotipadas, enquanto reserva para os racialmente hegemônicos o privilégio de ser representados em sua diversidade. Assim, para os publicitários, por exemplo, basta enfiar um negro no meio de uma multidão de brancos em um comercial para assegurar suposto respeito à diversidade étnica e racial e livrar-se de possíveis acusações de exclusão de minorias. [...] Afinal, negro e japonês são todos iguais, não é mesmo? Brancos, não. São individualidades, são múltiplos, complexos, e assim devem ser representados. Isso é demarcado também no nível fenotípico, em que se valoriza a diversidade da branquitude [...]. A branquitude é, portanto, diversa e policromática. A negritude, no entanto, padece de toda a sorte de indagações” (CARNEIRO, 2011, p. 70-71).

A partir disso, podemos refletir acerca da construção de um projeto literário representativo, em que a figura das mulheres, sobretudo as negras, não esteja impregnada pela delimitação do olhar masculino e branco. Com isso, pensemos na escritura das mulheres negras como instrumento de reescrita de suas próprias histórias e identidades, considerando que “A montagem da poesia negra faz-se a partir da (re)conquista da posição de sujeito da enunciação, fato que viabiliza a re-escritura da História do ponto de vista do negro. Edificando-se como espaço privilegiado da manifestação da subjetividade” (BERND *apud* DUARTE, 2010, p. 117).

Com isso, percebemos que a escrita das mulheres negras tem uma relevância para além da estética, pois promove um resgate representativo de suas vozes na literatura. Sendo assim, personagens que antes eram planas, ou seja, sem profundidade e narrativas próprias, mantendo uma única característica, a exemplo de “a louca”; hoje tem um espaço próprio e podem ser caracterizadas como personagens redondas na narrativa, por serem mais complexas e multifacetadas (FRANCO JÚNIOR, 2009). Dessa forma podemos entender essa tomada de posse da linguagem também como uma forma de resgate do poder entre os indivíduos, visto que as mulheres negras podem ocupar o lugar de escritoras de suas próprias vivências, tendo consciência do poder sócio-histórico da linguagem.

Nesse sentido, a escrita de Conceição Evaristo constrói contemporaneamente um lugar de transgressão às representações estereotipadas vistas durante a história da literatura, considerando que em suas obras encontramos histórias de pessoas reais— com sonhos, desejos, defeitos e narrativas próprias. Ou seja, suas personagens têm as suas vivências esmiuçadas, sem serem reduzidas ou desumanizadas por qualquer viés. Acerca disso, Evaristo (2009) reflete:

Destacando a roupagem estereotípica com a qual os negros são vestidos em várias obras brasileiras, é possível ressaltar um imaginário construído em que o sujeito negro surge destituído do dom da linguagem. Uma afasia, um mutismo, uma impossibilidade de linguagem caracteriza muitas das personagens ficcionais negras, sob a pena de muitos autores (EVARISTO, 2009, p. 22).

Pensando numa perspectiva social, é possível afirmar que as cicatrizes do período escravocrata marcam até hoje as peles pretas, pois as mulheres negras seguem sendo desacreditadas nas suas narrativas, sendo obrigadas a ouvir cotidianamente que estão “loucas”, “histéricas” ou “confusas” em suas denúncias de assédio ou racismo, por exemplo. O ato de desprezar as vozes daquelas que se posicionam contra as violências que as acometem é mais uma maneira de agressão, pois duvidar de sua integridade é também uma forma de silenciamento. Nesse viés, Neusa Santos Souza (1983) articula acerca da emocionalidade do negro no livro *Tornar-se negro*:

A história de ascensão social do negro brasileiro é, concomitantemente, a história da construção da sua emocionalidade, esta maneira própria, historicamente determinada, de organizar e lidar dinamicamente com o mosaico de afetos. Construção histórica, a emocionalidade do negro é vista aqui como um elemento particular que se subordina ao conjunto mais geral de injunções da História da formação social onde ele se inscreve (SOUZA, 1983, p. 19).

Dessa forma, é necessário refletir acerca das consequências psíquicas do racismo na construção social e emocional das pessoas negras, visto que as desumanizações frequentes as quais são acometidos podem gerar traumas definitivos e afetar permanentemente suas relações com as pessoas e o mundo à sua volta. Nesse sentido, a professora Regina Austin (1989) estimula as mulheres a consagrar a designação de histeria<sup>4</sup> enquanto uma estratégia de resistência: “Bem, acho que chegou a hora de ficarmos verdadeiramente histéricas, [...] declarar que estamos falando sério a nosso respeito, e capturar algum poder intelectual e os recursos necessários para combater o rebaixamento sistemático das mulheres integrantes de minorias” (AUSTIN *apud* HOOKS, 2019, p. 111). Esse discurso mostra-se transgressor, pois se apropria de um termo que historicamente carrega inúmeras violências e o ressignifica, trazendo um sentido de expressão das subjetividades, sobretudo das mulheres negras.

Posto isso, quando se trata da representação literária da loucura feminina negra, sendo antagônica aos estereótipos construídos desde a Antiguidade Clássica, têm-se os delírios enquanto uma estratégia de resistência, pois, assim, há a negação do silenciamento forçado às mulheres negras. As “loucas” são aquelas que não se calam diante das mazelas sociais, portanto, ser louca é lutar e fazer sua voz ser ouvida. Assim como afirma Maria Valéria Rezende no seu romance “Carta à Rainha Louca”: “Loucas, tolas, sim, são as que jamais gritam” (REZENDE, 2019, p. 17).

### **3 “QUERIA CAMINHAR PARA O AMANHÃ”: UMA LEITURA DE *DUZU-QUERENÇA***

O conto da escritora contemporânea Conceição Evaristo, que constitui o corpus deste estudo, está presente no livro *Olhos d'água*, obra em que a autora aborda a pluralidade da existência humana, utilizando-se de uma linguagem sutil e poética. Conceição é, hoje, umas das principais expoentes da literatura brasileira, sendo mestre em Literatura Brasileira pela PUC-

---

<sup>4</sup> O termo “histeria” é, atualmente, encontrado nos dicionários com a definição de “comportamento caracterizado por excessiva emotividade ou por um terror pânico” (Dicionário do *Google*), entretanto a palavra deriva do grego *histerus*, “útero”, pois Hipócrates (1975) afirma que a movimentação do órgão feminino dentro do corpo era causador das “crises histéricas”.

Rio e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Publicou seu primeiro poema em 1990 e, desde então, lançou diversos outros poemas e contos nos *Cadernos Negros*, além de uma coletânea de poemas e romances.

Seu livro *Olhos d'água*, publicado em 2014, se trata de uma coletânea de contos que abordam diversas temáticas sociais e emocionais, como o racismo, as dores e os afetos humanos. A escritora produz predominantemente narrativas de mulheres em momentos marcados pela experiência da violência e, conseqüentemente, pela resistência. A escrita de Evaristo é atravessada pelo resgate da identidade e ancestralidade desses indivíduos, dando voz de protagonismo àqueles e àquelas que vivem à margem da sociedade, reacendendo a experiência afro-brasileira na literatura para além de visões estereotipadas.

No que se refere ao conto que constitui o *corpus* desta pesquisa, é apresentada a história de vida da personagem que dá nome à primeira metade do título do conto: Duzu. Na narrativa, há o interesse em esmiuçar todas as vivências da personagem principal, as entrelinhas de sua vida, sem reduzi-la ao estereótipo de “uma preta louca”. No que tange à identidade racial da personagem Duzu, é interessante observar que ela não é caracterizada explicitamente enquanto uma mulher negra: a cor de sua pele, a textura de seus cabelos ou o formato de seu nariz não interessa descrever ao narrador— onisciente— do conto, entretanto é possível identificar a partir de determinadas chaves de leitura a negritude de Duzu e a relevância dessa questão para a interpretação plena do conto. Acerca disso, Duarte (2010) explicita a literatura afro-brasileira a partir de seus resultados e não levando em consideração apenas os componentes explícitos na narrativa:

Para além das discussões conceituais, alguns identificadores podem ser destacados: uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepional; mas, sobretudo, um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência como fim e começo (DUARTE, 2010, p. 122).

A escrita de Evaristo é marcada pela representação das vozes negras, como bem afirma Heloísa Toller Gomes no prefácio de *Olhos d'água*: “Conceição ajusta o foco de seu interesse na população afro-brasileira abordando, sem meias palavras, a pobreza e a violência urbana que a acometem” (EVARISTO, 2014, p. 09). No conto *Duzu-Querença*, são abordadas temáticas que evidenciam uma experiência negra brasileira, não necessariamente falando de miséria, violência, encarceramento e prostituição, mas também de sua relação profunda com os ancestrais, com a língua iorubá e com seus descendentes. Com isso não pretendemos ignorar o fato de que pessoas/personagens de outras etnias possam vivenciar experiências de vida semelhantes, mas sim frisar que, no que concerne à escrita de Conceição Evaristo, pode-se afirmar que Duzu se trata de uma mulher negra.

O conto narra sua trajetória de forma poética e não linear, visto que no início do conto conhecemos Duzu já no fim da sua vida, mas a não linearidade da obra permite ao leitor compreender aspectos importantes da sua infância ao lado dos pais, revelando elementos significativos de sua formação e os caminhos que a personagem percorreu até chegar à velhice. Franco Júnior (2019) classifica essa abordagem narrativa de tempo como “analepses”, ou seja, “recuos no tempo, que permitem a recuperação de fatos passados. Correspondente ao que em linguagem cinematográfica é chamado de *flashback*, mas é anterior, como técnica narrativa, a esse recurso” (FRANCO JÚNIOR, 2009, p. 47). Nesse sentido, o conto apresenta os percalços de vida da personagem desde menina, quando veio para a cidade grande com os pais em busca de uma vida melhor; até o momento de sua morte em frente à calçada da igreja.

Quando Duzu chegou pela primeira vez na cidade, ela era menina, bem pequena. Viera numa viagem de trem, dias e dias. Atravessara terras e rios. As pontes pareciam frágeis. Ela ficava o tempo todo esperando o trem cair. A mãe já estava cansada. Queria descer no meio do caminho. O pai *queria caminhar para o amanhã* (EVARISTO, 2014, p. 32, grifo nosso).

Os pais de Duzu almejavam propiciar um bom futuro para a sua filha, tinham esperanças de que ela tivesse um amanhã melhor, por isso percorreram longos caminhos visando um algo mais. Assim, inocentemente deixaram a menina aos cuidados de uma mulher que prometeu encaminhá-la para os estudos, como almejavam, visto que “Duzu [...] tinha cabeça para leitura. Um dia sua filha seria pessoa de muito saber” (EVARISTO, 2014, p. 32), entretanto seu encaminhamento para a educação não ocorreu. Na verdade, a criança passou a viver em um prostíbulo, sendo muito cedo exposta a cenas de sexo e assédio por parte dos homens que frequentavam o local. É intrigante observar a relação da criança Duzu com o ambiente que vivia, considerando que a sua inocência não a deixava enxergar as problemáticas em que estava inserida. A menina “entrava-entrando” como em uma brincadeira de criança:

E foi no entrar-entrando que Duzu viu várias vezes homens dormindo em cima de mulheres. Homens acordados em cima de mulheres. Homens mexendo em cima de mulheres. Homens trocando de lugar com as mulheres. Gostava de ver aquilo tudo. Em alguns quartos a menina era repreendida. Em outros, era bem-aceita (EVARISTO, 2014, p. 33).

É preciso ter em mente que Duzu foi inserida em um contexto no qual o sexo era tratado com intensa normalidade, pois estava a todo momento exposta àquele ambiente, vivenciando acontecimentos fora de uma realidade infantil com direitos assegurados. Por essa razão, a resposta da menina era de curiosidade e de “gostar de ver aquilo tudo”: era o olhar inocente de uma criança que se encantava pelo novo, um olhar perdido de quem não tinha por onde se orientar, satisfazendo-se com o diferente, com aquilo que lhe daria a falsa ilusão de acolhimento e de ser vista. Sendo assim, o espaço moldou a maneira que ela enxergava o mundo ao seu redor e que, conseqüentemente, delinearía sua história de vida.

O conto apresenta a questão da pedofilia e abuso infantil pela perspectiva da criança, de alguém inocente que sequer tem consciência que está sendo abusada. Mas sua inocência só foi perdida, de fato, no momento em que seu olhar se abriu para a realidade dos caminhos trilhados até ali, isto é, somente quando a dona do prostíbulo exigiu dinheiro por “deitar com homem” que Duzu compreendeu qual seria seu destino dali em diante: “É, ia ficar. Ia entrar-entrando sem saber quando e porque parar” (EVARISTO, 2014, p. 34). A personagem não tem escolha e segue os seus dias sem destino, num eterno “entrar-entrando” pelos percalços de uma vida adulta que forçadamente iniciou muito cedo, estrangulando os sonhos da menina.

Duzu seguiu a vida nesse ritmo: sem reencontrar os pais, com a oportunidade de estudos arrancada de si, imersa na prostituição e violência: “Acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida” (EVARISTO, 2014, p. 34). A violência estava tão presente em seu cotidiano que Duzu aprendeu a conviver com ela, anestesiada pela sua própria realidade.

Duzu deu ao mundo muitos descendentes, dentre os nove filhos e incontáveis netos que teve durante a vida, três deles preenchiam especialmente seu coração: “Angélico, que chorava porque não gostava de ser homem. Queria ser guarda penitenciário para poder dar fuga ao pai. Tático, que não queria ser nada. E a menina Querença que retornava sonhos e desejos de tantos outros que já tinham ido...” (EVARISTO, 2014, p. 34). Algo que chama atenção na prosa de Conceição é a delicadeza com que ela toca em determinados assuntos na narrativa, a exemplo do neto que “não gostava de ser homem” ou do encarceramento de seus familiares. É perceptível

que esses detalhes narrativos não retiram o foco do cerne da história, pelo contrário, pois assim há o esmiuçamento dos detalhes e entrelinhas de sua vida.

Especificamente no trecho “E a menina Querença que retornava sonhos e desejos de tantos outros que já tinham ido...” (EVARISTO, 2014, p. 34), nos é apresentada a personagem que constitui a segunda parte do título do conto, Querença. A menina, diferente dos outros netos, não é caracterizada por seu projeto de futuro (“ser guarda penitenciário” ou “ser nada”), mas sim como o próprio símbolo dos sonhos e desejos ancestrais, ou seja, Querença pode ser lida como a própria representação do futuro, sendo aquela que vem após a avó: *Duzu-Querença*, como apresenta-se no título do conto, quase que como uma só.

Na narrativa, o nó pode ser identificado quando a dor se encontra novamente e definitivamente com Duzu. Isso ocorre mediante a morte do seu neto Tático, momento em que a agonia de mais uma perda inebria a personagem. De acordo com Franco Júnior (2009) o “Nó é o fato que interrompe o fluxo inicial da narrativa, criando um problema ou obstáculo que deverá ser resolvido. O nó é o que dá origem ao conflito dramático de uma narrativa” (FRANCO JÚNIOR, 2009, p. 45), entretanto no conto em questão vê-se uma sequência de nós desde o primeiro parágrafo: da mendigação, do abandono, do abuso. A constatação de que a morte do neto se trata do grande nó narrativo nesse conto se dá no fato de que esse foi o ponto chave para o início dos delírios de Duzu. Ela, que guardava diversas mágoas no peito, um histórico doloroso de violências, uma infância perdida e uma vida regada a sangue, não suportou mais essa dor:

Com a morte de Tático, Duzu ganhou nova dor para guardar no peito. Ficava ali, amuada, diante da porta da igreja. Olhava os santos lá dentro, os homens cá fora, sem obter consolo algum. Era preciso descobrir uma forma de ludibriar a dor. Pensando nisto, resolveu voltar ao morro. Lá onde durante muitos anos e anos, depois que ela havia deixado a zona, fora morar com os filhos. [...] Havia se agarrado aos delírios, entorpecendo a dor. E foi se misturando às roupas do varal que ela ganhara asas e assim viajava, voava, distanciando-se o mais possível do real” (EVARISTO, 2014, p. 35).

Prender-se aos delírios foi, para a personagem, uma maneira de lidar com as angústias que a acometeram, pois como afirma Remo Bodei (2003): “Um pouco de delírio é sempre melhor do que um torpor contínuo” (BODEI, p. 12). Assim sendo, no próximo tópico, iremos refletir acerca das relações de afetos e delírios que permeiam a vida de Duzu.

### 3.1 “Nas raias do delírio que ela se agarrou para viver”: a loucura em *Duzu-Querença*

O delírio, em *Duzu-Querença*, encontra-se intimamente articulado com o sofrimento. A personagem principal foi levada, desde a infância, a conviver com a dor, seja do abandono, da prostituição, da violência, da doença ou da morte. Sendo assim, a conexão entre a loucura e as experiências dolorosas da vida de Duzu, enquanto uma mulher negra, refletem diretamente o desejo de fuga de sua cruel realidade. Os delírios de Duzu vêm da extrema necessidade de se reencontrar consigo mesma, com a menina que voava cheia de sonhos e desejo de viver o amanhã: “Duzu deu de brincar de faz de conta. E foi se aprofundando nas *raias do delírio* que ela se agarrou para viver o tempo dos seus últimos dias” (EVARISTO, 2014, p. 35, *grifo nosso*). No que se refere aos seus delírios durante a narrativa, resgata-se a definição do autor Remo Bodei (2003):

Delírio é uma palavra que deriva de uma metáfora camponesa, do ato de *de-lirar*, de ultrapassar a lira (leira), o canteiro entre dois sulcos. A ideia de sair da sementeada inclui as conotações relevantes da esterilidade do excesso. Assim como Ulisses fingia-se de louco arando a areia, o sujeito delirante esforça-se inutilmente para tornar cultivável

um terreno que não dá frutos, dando as costas para os férteis campos da razão (BODEI, 2003, p. 15).

No tocante desse esforço do sujeito delirante, citado por Bodei (2003), para “cultivar em um terreno infértil”, é possível retomar a cena de abertura do conto como uma exemplificação dessa afirmação: trata-se do momento em que Duzu, já idosa, se encontra na calçada em frente da igreja, comendo arroz em uma lata, mas a comida acaba e ela ainda sente fome. Ainda assim ela insiste nesse “terreno” do imaginário:

“Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficado presos debaixo de suas unhas sujas. [...] Duzu olhou no fundo da lata, encontrando apenas o espaço vazio. Insistiu ainda. Diversas vezes levou a mão lá dentro e retornou com um imaginário alimento que jogava prazerosamente à boca. Quando se fartou desse sonho, arrotou satisfeita” (EVARISTO, 2014, p. 32).

Percebe-se já no início do conto uma predisposição da personagem em preferir viver no “mundo dos sonhos” do que encarar sua cruel realidade. Nesse viés, pensemos a ideia de “sub-universos da realidade” e de “mundos vitais” teorizadas por Willian James (JAMES *apud* BODEI, 2003) e por Schutz (SCHUTZ *apud* BODEI, 2003), respectivamente: de acordo com os autores, existem diferentes universos de realidade, cada qual com suas especificidades, tempos e relevância específicos, ou seja, não há uma maneira unilateral de enxergar o presente. Para explicar tais termos, Remo Bodei, em seu livro *As lógicas do delírio*, discorre acerca de uma criança que adentra no “mundo de faz de conta” e as implicações psíquicas dessa ação:

Passamos bruscamente de um mundo vital para um outro, como quando uma criança imagina ser um cavaleiro antigo ou um personagem das estórias em quadrinhos. Cria então um mundo fechado em relação ao ambiente circunstante, contendo uma espécie de membrana que o isola do contexto. Assim que essa criança for chamada pela mãe ou pela professora para que retorne ao mundo comum, ao mundo compartilhado pelos outros, a membrana se dilacera e a criança retorna para um outro sub-universo de realidade (BODEI, 2003, p. 9).

Sabemos que adentrar no mundo dos sonhos não é uma exclusividade das crianças, visto que mesmo os adultos, a exemplo da personagem Duzu, podem fantasiar, criar narrativas e construir histórias próprias. Dessa forma, para compreender o delírio por uma ótica diferente da apresentada historicamente, é necessária a compreensão de que há lógicas também no delírio e que “[...] a loucura fascina porque é um saber” (FOUCAULT, 2008). O ser delirante pode ser aquele que se desloca entre os mundos vitais, como também pode ser aquele que desconhece as fronteiras entre um universo e outro, de todo modo, a caracterização do delírio, aqui, é feita pela chama de uma lógica delirante.

Nesse sentido, é importante refletir acerca do norte de construção dessa narrativa, visto que ela se desenvolve em torno de um núcleo familiar partido, mas que, de determinada forma, se interliga pelas memórias. Afinal, a protagonista, da infância à fase adulta, carrega as sombras do abandono, em consequência das suas perdas. Primeiro, com o afastamento forçado de sua mãe e seu pai e, posteriormente, com o acesso precoce e contínuo às cenas de sexo e violência ainda na infância, fase de vital importância para o desenvolvimento dos indivíduos, o que pode ter contribuído também para os delírios descritos no fim da vida de Duzu:

E foi escorregando brandamente em seus famintos sonhos que Duzu visualizou seguros plantios e fartas colheitas. Estrelas próximas e distantes existiam e insistiam. Rostos dos presentes se aproximavam. Fatos dos ausentes retornavam. Vô Alafaia, Vô Kiliã, Tia Bambene, seu pai, sua mãe, seus filhos e netos. Menina Querença adiantava-se mais e mais. Sua imagem crescia, crescia. Duzu deslizava em visões e sonhos por um misterioso e eterno caminho...” (EVARISTO, 2014, p. 36).

O trecho acima se trata do momento da partida de Duzu, percebe-se que ela havia se entregado completamente aos seus delírios, sem a preocupação em distinguir o que era pertencente ao mundo considerado real ou fruto do seu próprio imaginário. Nos momentos finais de sua vida, a personagem retorna a figura dos seus pais e de outros antepassados, numa perspectiva de reencontro e contato com o sagrado ancestral. Além disso, há um enfoque especial na figura de Querença, representando o ressurgimento da esperança.

Sendo assim, em contrapartida à realidade dolorosa da vida de Duzu, têm-se Querença, a segunda parte do título do conto, a qual o nome significa “demonstração de afeto” (Dicionário do *Google*), a neta querida. Duzu e Querença são os dois lados da existência: dor-esperança, solidão-afeto, culpa-inocência, Duzu-Querença. A segunda personagem aparece somente no final do conto, após a morte da avó, ela simboliza o retorno da fé e o resgate da ancestralidade presente na narrativa:

Menina Querença, quando soube da passagem da avó Duzu, tinha acabado de chegar da escola. Subitamente se sentiu assistida e visitada por parentes que ela nem conhecera e de quem só ouvira contar as histórias. Buscou na memória o nome de alguns. Alafaia, Kiliã, Bambele... Escutou os assobios do primo Tático lá fora chamando por ela. Sorriu pesarosa, havia três meses que ele também tinha ido... Querença desceu o morro recordando a história de sua família, de seu povo. Avó Duzu havia ensinado para ela a brincadeira das asas, do voo. [...] E foi no delírio da avó, na forma alucinada de seus últimos dias, que ela, Querença, haveria de sempre umedecer seus sonhos para que florescessem e se cumprissem vivos e reais. Era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos” (EVARISTO, 2014, p. 36-37).

Sendo assim, levando em conta o caminho trilhado pela literatura brasileira no que compete ao aprofundamento de personagens femininas negras, percebemos diversas nuances na personagem Duzu, em especial com relação a Querença. É perceptível que a neta não compreende a loucura de sua avó de uma forma patologizante, mas sim pela chama da sabedoria, visto que considera a “brincadeira das asas, do voo” enquanto uma forma de ensinamento e de regar os seus próprios sonhos. A presença de Querença no conto não representa seu desfecho, mas o começo de uma nova história a ser contada.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática da loucura tem sido muito discutida na literatura ocidental, com nomes como Shakespeare, Quixote e Machado de Assis abordando suas nuances. Considerando a relevância literária-social do tema, podemos conceber que a abordagem do imaginário nas obras literárias pôde percorrer diferentes caminhos. Outrora, as representações literárias da loucura, sobretudo nas mulheres negras, foram carregadas de estereótipos ligados à desumanização dos seus corpos e a patologização das suas formas de expressar e ver o mundo. O rompimento dessa lógica, ligada diretamente com os interesses do poder patriarcal, ocorreu através do acesso à educação das mulheres por meio da literatura.

Historicamente, o ato de escrever, para as mulheres, tem um caráter de transgressão, visto que contribuiu diretamente para a formação literária de novos parâmetros para o “ser mulher”, distinto das categorias universalizantes apresentadas até então. Assim, pensar em literatura focalizada em personagens femininas foi, durante muito tempo, sinônimo de perpetuação de estereótipos de gênero relacionados à manutenção do poder branco masculino, em que as vozes subalternizadas funcionavam como pano de fundo para as narrativas hegemônicas. A escrita de Conceição Evaristo, e de tantas outras, apresenta aos leitores uma nova experiência literária de destaque para as vozes subalternas, suas vivências, suas particularidades e seus imaginários. Em *Duzu-Querença*, nos é apresentada a história de uma

mulher que, embora tenha sofrido uma gama de violências e perdas durante sua vida, ainda assim considera-se livre, ou seja, a existência de Duzu, por si só, representa resistência.

Andarilha, livre para voar no mundo, a experiência do fim de vida de Duzu simboliza liberdade. Pois no contexto da literatura, a loucura feminina pode representar também a liberdade de viver e enxergar o mundo de maneira própria, fora dos padrões estabelecidos. Dessa forma, o conto de Evaristo torna-se espaço de poder, visto que há a reverberação da voz feminina negra, tantas vezes apagada. Sua linguagem representa inúmeras “Duzus” que carregam dores, conflitos e conhecimentos negligenciados, além de muitas “Querenças” representando o resgate dos sonhos e da esperança.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *Racismo estrutural*. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2019.

AZEVEDO, Aluísio. *O mulato*. 3ª edição. São Paulo: Ática, 1978.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BODEI, Remo. *As lógicas do delírio: razão, afeto, loucura*. Tradução: Letizia Zini Antunes. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BRAGA, Juliana Primi. *Entre dois mundos: a loucura feminina nos romances A louca do Serrano, de Dina Salústio, e O alegre canto da perdiz, de Paulina Chiziane*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 139.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo negro, 2011.

CRENSHAW, K. *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*. Estudos feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1, p.171-189, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: 23 de setembro de 2022.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução Heci Regina Candiani. 1ª ed., São Paulo: Boitempo, 2016

DUARTE, Eduardo de Assis. *Por um conceito de literatura afro-brasileira*. Terceira Margem, Rio de Janeiro, p. 113-128, julho/dezembro, 2010.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Tradução: Waldéa Barcellos. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (org.) *Escrevivência- a escrita de nós: reflexão sobre a obra de Conceição Evaristo*, 1ª edição, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

- EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: SCHNEIDER, N. M. de B. M. L. (org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idea, 2005, p. 201-224.
- EVARISTO, Conceição. *Uma poética de nossa afrobrasilidade*. Scripta: Belo Horizonte; v. 13, n° 25, 2° sem, 2009. p. 17-31.
- FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. Tradução: José Teixeira Netto. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.
- FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009. p. 32-58.
- GOMES, Heloísa Toller. “Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro”. In: EVARISTO, Conceição. *Olhos d’água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014, p. 09-11.
- REZENDE, Maria Valéria. *Carta à Rainha Louca*, Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019
- RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- SANT’ANNA, Renata Cristina; ROCHA, Enilce do Carmo Albergaria. *A crítica feminista no cenário literário contemporâneo*. Revista Jangada, Juiz de Fora, v. 13. n° 15, p. 60-74, jan/jun de 2020.
- SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Silvana e Ivânio, pelo apoio e amor incondicional que me foram doados durante toda a vida, especialmente durante os anos de graduação. Sei do suor que derramaram, das horas extras de trabalho e de tudo o que abdicaram para que eu chegasse ao momento de escrever essas linhas. Nem todas as páginas do mundo seriam suficientes para expressar o meu agradecimento.

Aos meus irmãos, César e Júnior, por me ensinarem tanto, mesmo sem se dar conta. Saibam que o nosso laço de irmandade foi motor nos momentos que precisei. Eu os amo. Essa conquista é nossa.

Aos amigos-irmãos, conquistados durante os anos de formação acadêmica, pelos momentos de amizade e apoio, cito especialmente Rita, Amanda, Luc, Matheus e João Vitor. Sou grata.

À minha Emanuely, acalanto e melodia nos dias sombrios. Obrigada por ser presente, apoio emocional e, durante essa etapa, ombro encharcado de lágrimas.

À professora Micaela Sá, por ser inspiração nos caminhos da literatura. Estudar Teoria da Narrativa contigo é um dos motivos do presente trabalho existir.

Ao meu orientador, Luciano Justino, que por meio das tantas disciplinas que nos cruzamos durante a graduação, contribuiu fortemente no meu interesse pela literatura negra e pelos estudos culturais. Você é fonte de inspiração e identificação acadêmica, agradeço pela orientação.

À Conceição Evaristo, pela escrita que me atravessa dia após dia.